

A REALIDADE DA “CONSCIÊNCIA QUÂNTICA” NA NOSSA REALIDADE

Joseval M. Santana*
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
 <https://orcid.org/0000-0002-8904-2586>

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar mediante um debate crítico, dialético e analítico (científico) a “consciência quântica”, supostamente manifestada nos experimentos quânticos, com a finalidade de verificar a procedência das atuais especulações sobre o assunto. A “consciência quântica” vem sendo propagada por alguns físicos quânticos, por leigos e por especuladores. A existência dessa consciência é o “santo graal” para um grupo de especuladores específicos, os “profetas quânticos”. Por eles uma nova teologia começa a ser criada visando a dar cunho científico aos seus antigos sistemas de crenças, místicas ou religiosas, ou, de forma mais radical, estabelecerem um novo sistema científico-religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência Quântica; Consciência do Universo; Religião Quântica.

THE REALITY OF "QUANTUM CONSCIOUSNESS" IN OUR REALITY

ABSTRACT:

The purpose of this article is to analyze through a critical, dialectical and analytical (scientific) debate "quantum consciousness" supposedly manifested in quantum experiments, in order to check the correctness of current speculations on the subject. The "quantum consciousness" is being

*Físico, Mestre em Computação e Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano. Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Sergipe – Brasil. E-mail: josevalmsantana@hotmail.com

propagated by some quantum physicists, by laymen and by speculators. The existence of this consciousness is the "holy grail" for a specific group of speculators, the "quantum prophets." For them a new theology begins to be created aiming to give a scientific nature to their old belief systems, religious or mystical, or, more radically, establish a new scientific-religious system.

KEY WORDS: Quantum consciousness; Consciousness of the Universe; Quantum Religion.

Introdução

A teoria quântica forneceu descrições precisas para muitos fenômenos, até então, inexplicáveis. E, mostra-se potencialmente promissora para a compreensão de fenômenos ainda não explicados. Ademais, abre também novas possibilidades de compreensão da nossa própria realidade. Evidentemente, o pleno êxito dessas possibilidades dependerá efetivamente de novos avanços da física quântica e, principalmente, da nossa capacidade de não nos deixarmos ser influenciados por interpretações erradas, ficcionistas ou especulativas, particularmente às de caráter científico-religioso, sobre os fenômenos quânticos.

Até os dias atuais o embate ciência versus religião é suscitado. Todavia, seja qual for a magnitude desse embate a ciência sempre sairá ilesa, o mesmo não pode ser dito sobre a religião. A ciência, enquanto ciência, sempre será ciência. A própria história das ciências nos evidencia isso. Ao surgir uma nova teoria científica que complemente, ou que se contraponha, a anterior, a ciência não deixa de ser ciência. Não nos furtemos em afirmar: foi assim no passado, é assim no presente e será assim no futuro.

A religião, enquanto religião, poderá não ser mais religião, pelo menos não como a conhecemos. A religião se fundamenta em dogmas cuja a proposição primeira é a existência de “Deus”, o “Ser Supremo”, uma “Entidade” com uma consciência superior a de todos e criador de tudo. No livro das escrituras sagradas (A Bíblia), de uma das religiões abraâmicas, de forma sucinta é descrito que: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1), e: “Eis que os céus e os céus dos céus, a terra e tudo o que nela existe; tudo, absolutamente tudo, pertence a *Yahweh*, o SENHOR, teu Deus” (DEUTERONÔMIO, 10:14).

Essa “Entidade” que os religiosos supõem existir, mesmo antes do ¹*Big Bang*, não somente criou tudo que existe, mas tudo que existe a ela pertence. Essa relação em criar e ser dono do que foi criado, referenciando o

¹ O *Big Bang* (*A Grande Explosão*) é hoje a teoria dominante sobre a criação do Universo (STEINER, 2006).

passado (criou) com o presente (pertence) que se separam por bilhões de anos, é um o ponto crucial no embate entre a religião, que o aceita pela crença sem evidência (a fé), e a ciência, que o questiona pela crença com evidência (a razão).

A ciência no entretanto ainda não foi capaz de pôr em prova a existência ou não dessa “Entidade”, mesmo tendo sucesso no exame de algumas outras proposições religiosas, as quais foram cientificamente eliminadas.

Com o surgimento da física quântica e o aumento dos experimentos nessa área, surgiram especulações em torno da possibilidade da existência de uma “consciência quântica”. Por sua vez, novas teorias especulativas (baseadas em antigas suposições) surgiram supondo que todas as consciências, humanas e não humanas, se interligam (a “consciência do Universo”) e mantêm um “diálogo” entre si.

Tais expectativas fizeram surgir, por conseguinte, um grupo de especuladores específicos, os “profetas quânticos”, e com eles uma nova teologia começa a ser criada, tomando por base pressupostos científicos (alicerçados na física quântica), em pressupostos pseudocientíficos (alicerçados em especulações realizadas a partir da teoria quântica) e em doutrinas dogmáticas, visando a dar cunho científico aos seus antigos sistemas de crenças, místicas ou religiosas, ou, de forma mais radical, estabelecerem um novo sistema científico-religioso (a “religião quântica”).

Esse sistema de crenças e valores seria pautado na razão e na fé, onde coexistiriam como uma partícula-onda fazendo que surgisse uma nova e “verdadeira realidade”, fruto desse colapso, que poderia ser compreendida tanto pela razão, quanto pela fé.

Pelo que foi aqui exposto, surgiu a necessidade, pelo presente autor, em se fazer uma análise pautada em um debate crítico, dialético e analítico (científico) sobre a suposta “consciência quântica”, revelada nos experimentos quânticos, para elucidar as possíveis “verdades” dessas especulações.

Metodologia

O presente trabalho está pautado num processo dialético, analítico e bibliográfico.

É dialético, porque tem uma abordagem discursiva pautada por meios racionais e pela arbitragem da razão nas correntes do consenso científico, social e cultural.

Seu cunho analítico deve-se ao fato de buscar cientificamente, mediante os pressupostos da física quântica, apreender melhor a suposta “consciência quântica” registrada nos experimentos quânticos.

Por fim, e naturalmente, é também bibliográfica, pois, partiu de um trabalho sistematizado de leitura e análise que se desenvolveu com base em

material publicado em livros, revistas, jornais e meios eletrônicos, sobre assuntos que diretamente estão relacionados com o tema deste trabalho.

A realidade da “consciência quântica” na nossa realidade.

Não se pode negar a mutabilidade, a fluidez, da realidade. Heráclito ao afirmar que “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio” evidenciava que nada existe de estável e definido na natureza, pois tudo muda continuamente. Simmel, chegou a afirmar que a realidade só se dá no presente (MARÍAS, 2004).

Platão mostrou, pelo mito da caverna, que a realidade é alterada não somente pela dimensão temporal, mas também pela nossa consciência, havendo assim uma percepção de realidade de mundo sensível (das coisas) e de mundo inteligível (das ideias). Corroborando com esta última visão, Fichte alude que realidade é “pura atividade, agilidade, não substancia ou coisa” (MARÍAS, 2004, p.341).

Essa visão de “realidade múltipla” foi ainda mais ampliada com a física quântica, uma vez que nos revelou a existência de múltiplas realidades em potencial, concorrendo uma com as outras, para ser “realidade múltipla”.

Assim, a priori, ficou mais difícil empreender a totalidade conceitual da nossa realidade frente a todas essas realidades. Todavia, a mesma “lupa quântica” que ampliou a visão que temos da realidade, pode nos fornecer uma compreensão melhor da nossa própria realidade.

Seria no mínimo pretencioso e totalmente desnecessário descrever aqui uma pormenorização da física quântica. Dessa forma, para o propósito em questão, ou seja, para entendermos a relação dos fenômenos quânticos com a nossa realidade quando os observamos, é que somente faremos referência a conceitos quânticos que sejam potencialmente ilustrativos ao propósito ora anunciado. De sorte que o leitor não familiarizado com os conceitos da física quântica, e que deseja se familiarizar, poderá obtê-los na vasta bibliografia existente sobre o tema ou mediante a bibliográfica aqui referenciada e, nesse caso, também sugerida.

O ponto de partida da física quântica surge no trabalho sobre a radiação do corpo negro, por Planck em 1900; da generalização da quantização (quantum) da energia, por Einstein em 1905; no trabalho sobre o efeito Compton, experimento realizado por Arthur Compton em 1923; entre outros (PESSOA JR, 2010).

A teoria quântica mostrou que as partículas subatômicas (elétrons, fótons etc.) descrevem uma natureza dual, comportando-se como partículas ou como ondas, mas nunca como ambas (princípio da complementaridade de Bohr). Ela também revela que essas partículas são descritas mediante

uma ²função de onda quântica que obedece a equação de Schrödinger (MAHON, 2011).

Essa função de onda evidencia a probabilidade de uma partícula estar em posições diferentes ao mesmo tempo (princípio da superposição), criando assim múltiplas possibilidades de realidade, mas que quando observada ela colapsa e apenas uma dessas potencialidades de realidade virá, de fato, realidade (ZOHAR, 1990).

Neste ponto duas explicações se fazem necessárias, sob pena de se não forem esclarecidas gerarem confusão. A primeira é sobre a realidade, fruto desse colapso, e das múltiplas possibilidades de realidade; a segunda diz respeito ao papel do observador e da partícula-onda (o observado) durante um experimento quântico, que será descrito mais adiante.

A realidade, fruto do colapso de onda, a que nos referimos quando observamos um experimento quântico diz respeito a detecção pelo observador da(s) partícula(s) existente(s) na partícula-onda e, conseqüentemente, a certeza de que ela(s) percorreu(percorreram) um dos "caminhos possíveis" para chegar até um ponto de impacto (o absorvedor).

Já as múltiplas probabilidades de realidade dizem respeito a detecção pelo observador de ondas que chegam num ponto de impacto (o absorvedor), evidenciando, conseqüentemente, que se fosse possível ter detectado, também, a(s) ³partícula(s) da partícula-onda nesse momento ela(s) teria (teriam) vindo de todas as possibilidades possíveis, inclusive por "caminhos simultâneos" (princípio da superposição).

Após essas definições é fundamental que busquemos o entendimento da relação entre a realidade, fruto do colapso de onda quântica – a realidade quântica –, com a nossa própria realidade.

A realidade quântica ocorre no "mundo" microscópico e a nossa realidade (no sentido de realidade objetiva, uma das muitas realidades da nossa realidade) ocorre no mundo macroscópico. Neste mundo, no seu cotidiano, a nossa realidade é regida por leis naturais precisamente descritas pela física clássica. Essa nossa realidade é a realidade que é percebida igualmente por todos, desde que estejamos no mesmo "ponto de referência". Nela o "Eu" e as coisas estão interligados num sistema referenciado que flui em equilíbrio criando para o "Eu" uma percepção objetiva de si e das coisas em si. É o tipo de realidade que Husserl definiu como: "a verdadeira realidade primária – a realidade radical - é a do eu com as coisas" (MARÍAS, 2004, p.498).

É por essa realidade que temos ciência do mundo em que vivemos e da existência das coisas. Na nossa realidade, um gato morto para mim é um

² No entendimento que função de onda que descreve o sistema quântico seja um constructo abstrato, uma ferramenta estatística, não um estado real e objetivo como propõe Barrett et al (SAB, 2014).

³ Partícula que não pode ser mais detectada pelo observador, uma vez que esse já detectou a onda-partícula como onda (princípio da complementaridade de Bohr).

gato morto para você e, a menos que o gato tenha nos enganado, quem perceber diferente está fora da nossa realidade, está em uma outra realidade, ou vive uma ilusão, uma alucinação, uma imaginação etc.

Somos o que somos pela nossa realidade, e sem a nossa realidade não somos, não existiríamos como somos. A nossa realidade é imutável na sua mutabilidade. Nós nos modificamos junto com as coisas, essa é uma das mutabilidades da nossa realidade. Mas, a nossa realidade ao continuar sendo a nossa realidade mostrou ser uma realidade imutável. Ainda que uma catástrofe ocorra eliminando todos, mas deixando um único de nós, a nossa realidade continuaria nesse único de nós.

Assim, a nossa realidade somente deixaria de ser a nossa realidade se não houver nenhum de nós, ou, se não houver nenhuma coisa de nós. Essa é a razão pela qual a nossa realidade continua sempre sendo a nossa realidade, mesmo existindo outras realidades, sejam elas quânticas ou não quânticas.

A nossa realidade, ou qualquer outra realidade, somente pode ser revelada se existir “quem” possa registra-la como tal.

O “quem”, aqui, mais especificamente é denominado de observador. Este por sua vez só poderá existir se houver “o quê” ser observado. Assim, “quem” e o “o quê”, observador e observado são os “atores” imprescindíveis do experimento. Em qualquer ramo da física espera-se que o observador seja rígido quanto a sua neutralidade, passividade, para não interferir nos resultados do experimento, algo emblemático nas ciências sociais, humanas etc. Pois, observar é em si uma ação perturbadora para quem é observado e para quem observa.

Na física, como em outras áreas das ciências exatas, conseguimos mensurar, medir, com precisão a variação dessa perturbação a ponto de “sabermos” se houve ou não influência do observador no experimento. Além disso, a subjetividade do observador humano pode ser substituída pela objetividade do observador não humano (a máquina).

No experimento quântico das figuras 2.1 e 2.2 temos somente dois tipos básicos de observador: o observador de percepção sensorial natural e o observador de percepção sensorial artificial.

O observador de percepção sensorial natural (pela visão do homem ou pela visão do gato, somente a título de exemplo) pode detectar partículas na forma de “linhas ou pontos de partículas” existentes na partícula-onda que chegam até um ponto de impacto (o absorvedor), desde que essa percepção sensorial seja ⁴estimulada (figura 2.1). Sem esse estímulo o observador detecta somente ondas, franjas de interferência (figura 2.2).

O observador de percepção sensorial artificial (um contador *Geiger*, por exemplo) se comportará tal como os demais observadores de percepção

⁴ Uma adição de uma fonte de luz para iluminar “os caminhos” por onde a partícula pode passar. Quando surgir o flash (causado pelo espalhamento do feixe de elétrons da luz sobre a partícula-onda) saberemos o caminho por onde a partícula passou. E, nesse caso, observamos que a partícula-onda comporta-se somente como partícula.

sensorial. Nesse caso, diante da presença da partícula-onda, somente deixaria de detectar partículas da partícula-onda se ele for desligado.

Analisado a partícula-onda mediante um número significativo de ⁵experimentos quânticos (experimento da dupla fenda de Young, experimento de Jacques et al, experimento de Kim et al etc) observamos que ela é “afetada” de tal forma a “se comportar” conforme a capacidade do observador em reconhecer onda ou em reconhecer partícula.

Essa especulação sobre o “se comportar” foi trazida pelo Dr. Wigner (físico laureado com o prêmio Nobel em 1963) o qual conjecturou que era a consciência do observador que provocava esse tipo de comportamento (SAB, 2011).

A partir daí novas especulações surgiram ligando a “consciência” do observador com a “consciência” da partícula-onda (o observado), que por sua vez ligou-se com a “consciência” de quem nem era observador e nem observado, gerando no final a “consciência do Universo”, a razão de ser dos “profetas quânticos”, interpretes dessa “consciência” e, por isso mesmo, ungidos na razão-fé que os possibilitam a preverem o “futuro” da nossa realidade, de todas as realidades e, também, das múltiplas probabilidades de realidade.

Retornemos à nossa análise, à luz da nossa realidade, com somente o observador e a partícula-onda (o observado). Esse se “se comportar”, que parte dos físicos quânticos conjecturam que é devido a uma espécie de “diálogo” entre a “consciência” da partícula-onda e a “consciência” do observador (ZOHAR, 1990), é o foco principal do nosso objeto de estudo.

A partir daqui iremos delimitar, sem maiores prejuízos, o escopo do nosso objeto de estudo. Trataremos esse se “se comportar” como uma manifestação da “consciência” da própria partícula-onda, que pode em princípio “dialogar” como a “consciência” do observador. Dessa forma, usaremos o termo “consciência quântica” apenas para evidenciar o “se comportar” da partícula-onda.

Tomemos, somente a título de ilustração da capacidade dessa “consciência quântica”, mais dois experimentos facilmente encontrados na vasta bibliografia existente sobre o tema.

O experimento das figuras 2.3 e 2.4 evidencia que a “consciência quântica” da partícula-onda “sabe reconhecer” entre duas fendas quantas estão abertas, e de se comportar como partícula (caso apenas uma das fendas esteja aberta, figura 2.3) ou em onda (se as duas fendas estiverem abertas, figura 2.4).

⁵ Fonte: LIMA(2013)

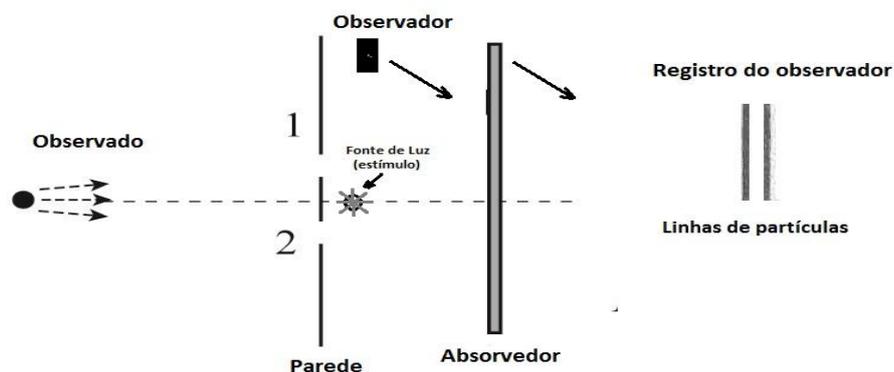


Figura 2.1 – Experimento quântico de dupla fenda com estímulo (Fonte de luz).
 Fonte: adaptado de MAHON (2011).

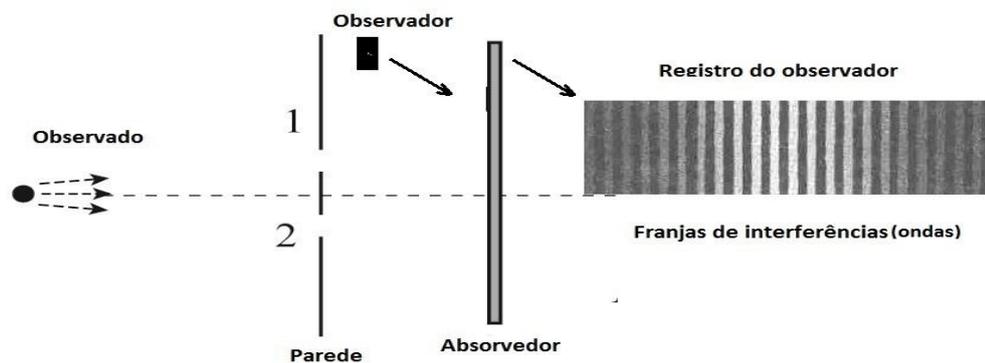


Figura 2.2 – Experimento quântico de dupla fenda sem estímulo.
 Fonte: adaptado de MAHON (2011).

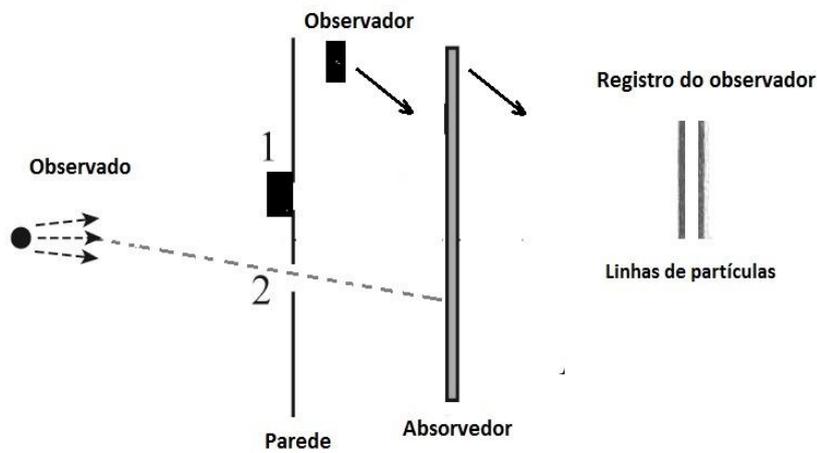


Figura 2.3 – Experimento quântico de dupla fenda com uma das fendas fechada: nesse caso, somente partículas são detectadas.

Fonte: adaptado de MAHON (2011).

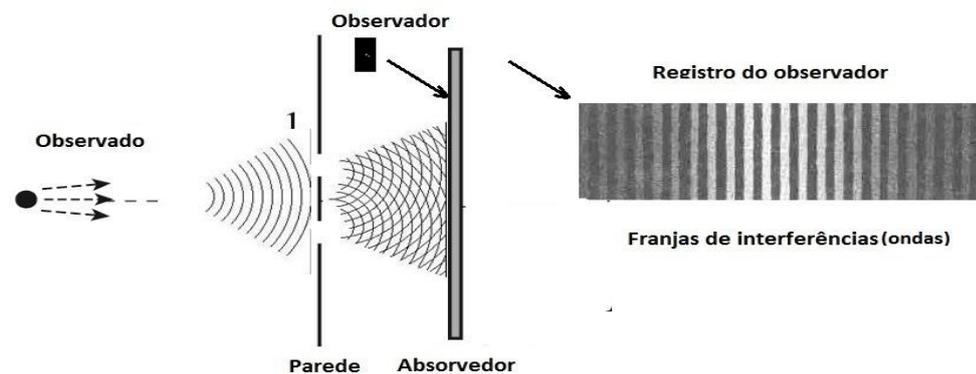


Figura 2.4 – Experimento quântico de dupla fenda com as duas fendas abertas: nesse caso, somente ondas são detectadas.

Fonte: adaptado de MAHON (2011).

Já o experimento da ⁶figura 2.5 evidencia que a “consciência quântica” “sabe” se há ou não um objeto (não translúcido) entre as fendas e

⁶ Esse experimento mental é uma variação consistente do experimento de escolha retardada proposto por Wheeler (LIMA, 2013).

o observador. Vejamos o experimento: os ⁷fótons são obrigados a entrar cada um por uma das fendas, dessa forma eles se comportam como partículas (conforme foi visto no experimento da figura 2.3). Entretanto, quando a tela está presente e olharmos com a lente (telescópio D) para ela, iremos observar um padrão de franjas de interferências na tela, evidenciando que a natureza dos fótons agora é de onda (como no exemplo da figura 2.4). Ao retirarmos a tela e olharmos para o Absorvedor 1 ou 2, com a saída do telescópio D deslocada para os respectivos absorvedores, iremos novamente ver um padrão de partículas.

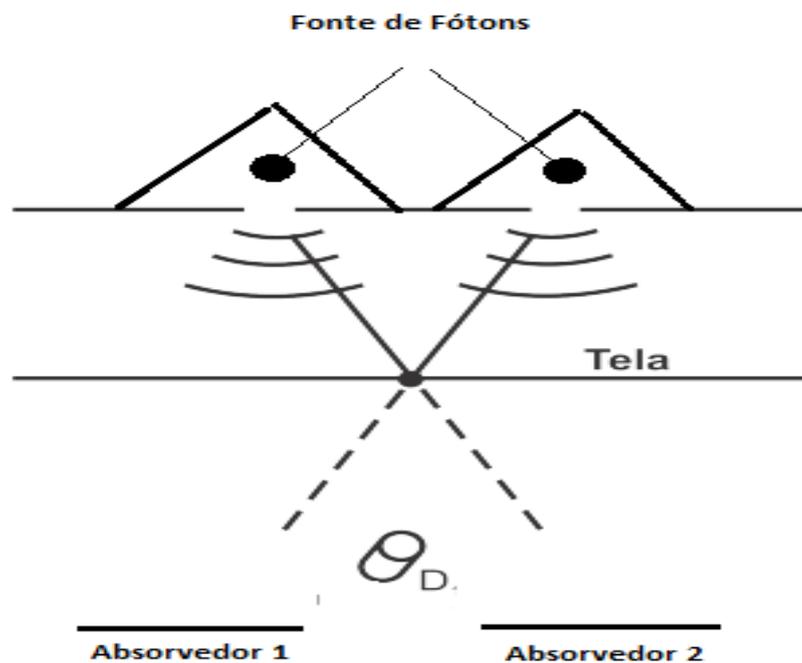


Figura 2.5 – D é um telescópio que pode ser apontado para a fenda da esquerda ou da direita e a sua saída para o Absorvedor 1 ou 2.

Fonte: adaptado de LIMA (2013).

Pelo que temos até aqui duas observações relevantes devem ser feitas: a primeira é a do fator não influente da “consciência quântica” e a segunda é a do fator não discriminante dela.

⁷ No experimento, originalmente idealizado por Wheeler, os fótons eram provenientes da intensa luz de um quasar (um objeto astronômico maior que uma estrela e menor que uma galáxia e de luz muito intensa).

O fator não influente da “consciência quântica” revela-se na incapacidade dessa consciência em influenciar o observador, pois como pode ser observado em todos os experimentos quânticos o observador (humano ou não humano) “aparentemente afeta” a realidade da partícula-onda (o observado), mas nunca ocorre o contrário.

No fator não discriminante da “consciência quântica” o que se observa é a incapacidade dessa consciência em distinguir o observador de percepção sensorial humano do observador de percepção sensorial não humano.

Assim, uma consciência que não é capaz de influenciar, mas que é “influenciada”, e que é igualmente incapaz de distinguir quem os influencia (seja o influenciador humano ou não humano) somente pode ser considerada como “consciência” se admitamos que há uma hierarquia da consciência e, portanto, existe um nível mais baixo de consciência onde todos os seres, animados e inanimados, se equivalem nessa, e por essa, consciência.

Nessa linha de raciocínio podemos dispensar a atenção sobre a consciência humana no seu nível mais complexo, a exemplo do que diz Husserl: “a consciência pura, com todas as suas vivências reduzidas, longe de ser a realidade é simplesmente o resultado de uma operação mental [...]” (MARÍAS, 2004, p.499), e reduzi-la a um nível de equiparação com o observador não humano.

Nesse sentido busquemos os ensinamentos de Aristóteles. Para ele, na alma (consciência) do homem há duas partes: a irracional, que também existe nos demais seres vivos, e a racional, existente somente nos seres humanos (ARISTÓTELES, 2001).

Temos então um ser irracional (imaginemos, por falta de imaginação, que seja um gato) que tem uma “consciência” que, em princípio, poderia ser equivalente a “consciência” da partícula-onda – a “consciência quântica”. Mas, há também o observador não humano inanimado que tem sensores artificiais de detecção de “partículas” (o contador *Geiger*, por exemplo). Isso nos obriga a descer ainda mais nessa hierarquia da “consciência”.

Dessa vez vamos ser socorridos por Leibniz, pois ele já havia afirmado que: as mônadas (os elementos das coisas, os átomos) têm percepções, “consciência” (MARÍAS, 2004). Essa é também a visão dos *Pampsiquistas*

[...] Os partidários do pampsiquismo afirmam que a psique – a essência da consciência – é uma presença universal no mundo. Tanto a matéria como a mente – a *physis* assim como a *psyche* – são onipresentes no universo. Elas estavam presentes até mesmo quando o universo nasceu” (LAZLO, 2008).

Dessa forma, chegamos ao nível final da “consciência”, onde na melhor das hipóteses diríamos que ela tem um mínimo de “inteligência”.

Seria assim, a “consciência imanente” que existiria em todos os seres, animado ou inanimado.

A “consciência imanente” seria uma “consciência” equivalente entre a “consciência” do observador (humano ou não humano) e a “consciência quântica”. Ela seria a consciência no nível de partículas e a consciência subjacente de qualquer outra forma de consciência.

Agora vejamos se de fato o “diálogo” entre observador e partícula-onda, à luz da “consciência imanente”, ocorre causando a mudança da realidade (partícula ou onda) no experimento quântico.

O experimento quântico mostrado nas figuras 2.1 e 2.2 com somente observadores que têm percepção sensorial, observadores que podem detectar partículas, revelou que: com a percepção sensorial estimulada (figura 2.1) os nossos observadores “veem” a realidade como partículas; com a percepção sensorial não estimulada (figura 2.2) esses mesmo observadores “veem” a realidade como onda, exceto o contador *Geiger* que estando desligado não registraria nada.

Ora, partindo do pressuposto hipotético que todos os nossos observadores têm, subjacentemente, a “consciência imanente”, equivalente à “consciência quântica”, e o fato de observarmos que a realidade mudou (partícula ou onda) para esses mesmos observadores por uma causa externa (o estímulo), somente podemos concluir que: a “consciência imanente”, ou a “consciência quântica”, não causou a mudança da “realidade”, ou seja, não criou a “realidade” percebida pelo observador.

A conclusão de que a “consciência quântica” não interfere na realidade percebida pelo observador é fato comprovado em todos os experimentos quânticos, já realizados. Todavia, quanto a conclusão de que a “consciência imanente”, uma consciência subjacente do observador, não causou a mudança da “realidade” percebida pelo próprio observador, contrária, não a física quântica, mas a hipótese especulativa levantada de que: a “consciência do observador cria a realidade observada”.

Temos então duas hipóteses antagônicas entre si. A hipótese 1, onde a “consciência” do observador cria a realidade observada, e a hipótese 2, onde a “consciência imanente” não cria a “realidade” percebida pelo observador. Vejamos então as consequências existentes se uma suplantar a outra.

Prevalecendo a hipótese 1 sobre a hipótese 2, e tendo em vista que a “consciência imanente” não se manifestou, temos que admitir que não existe uma “consciência imanente” por onde todas as consciências pudessem se equiparar, se “comunicar”. Então, não haveria possibilidade de “diálogo” entre o observador e a partícula-onda (o observado). Sendo assim, a “consciência quântica” iria se limitar, se restringir, ao “mundo” isolado da partícula-onda, não existiria enquanto consciência, seria apenas um “fenômeno natural” da partícula-onda que ocorre independentemente da vontade, “consciente” ou “inconsciente”, do observador. Logo, temos que a

consciência do observador não poderia criar a realidade observada, o que contrairia a própria hipótese.

Ademais, temos que admitir, também, que não existindo uma “consciência” que possibilite a ocorrência de um “diálogo” com as demais consciências não poderia existir um universo consciente, uma “consciência do Universo”.

Por outro lado, admitindo-se a prevalência da hipótese 2 sobre a hipótese 1, onde há a possibilidade de “diálogo” entre observador e a partícula-onda mediante a “consciência imanente”, e tendo em vista que esse “diálogo” não foi evidenciado, uma vez que a realidade (partícula ou onda) ocorreu por causa externa (o estímulo), independentemente da “consciência imanente”, somos levados a conjecturar que, de fato, o que ocorreu foi um “fenômeno natural” da partícula-onda, que ocorre independentemente da vontade, “consciente” ou “inconsciente”, do observador.

Além disso, como a suposta “consciência imanente” efetivamente não se manifestou, embora pudesse se manifestar, o que nos leva a hipótese da inexistência da “consciência quântica”, concluímos que: se a suposta “consciência quântica” for parte da “consciência do Universo”, como propagam os “profetas quânticos”, então esta também não existe.

O fenômeno quântico observado como um “se comportar” de uma “consciência quântica”, ao invés de um “fenômeno natural” da partícula-onda, não foi postulado na física quântica. Nasceu no meio dos cientistas como uma forma de “descrever” um fenômeno físico que, de certa forma, ainda não é compreendido totalmente. É provável que essa não compreensão total dos fenômenos quânticos advendam da incompletude da própria física quântica.

Isso não significa que a provável incompletude da física quântica torne-a em ciência desacreditada, inconsistente, em pseudociência. Muito pelo contrário, como bem podemos perceber no embate de Einstein com a teoria quântica: “Convencido finalmente da consistência da teoria, Einstein considera-a, no entanto, incompleta” (DAVIDOVICH, 2013, p. 8).

Considerações finais

Ao longo do caminho para apreender melhor a suposta existência da “consciência quântica”, manifestada nos experimentos quânticos, nos deparamos com vários desafios que foram sendo superados na medida em que íamos conhecendo melhor o nosso objeto de estudo.

Um dos maiores desafios foi o de entendermos como a física quântica, uma ciência onde a premissa inicial é a do “ver para crer”, estava sendo intercalada com a religião, onde o “crer para ver” é a sua própria razão de ser.

A união desse “crer para ver” com o “ver para crer” abriu portas para um lado e fechou para o outro. Por uma dessas portas abertas surgiu uma espécie de “profeta quântico”, senhor de uma nova religião onde os antigos dogmas podem agora ser compreendidos não somente pela fé, mas explicados pela razão.

Na física quântica, o “ver para crer” deu origem ao “crer para ver” por uma especulação de que “a consciência do observador cria a realidade observada”. Foi um “fechar de portas” para explicar o comportamento da partícula-onda que parece “saber” a natureza do observador (se de partícula ou de onda). Esse “saber” originou a expressão “consciência quântica” e depois, com a junção de todas as consciências possíveis, surge a expressão “consciência do Universo”.

Todavia, a análise aqui realizada sobre a suposta “consciência quântica” possibilitou de forma criteriosa a conjectura de que: “não foi a consciência do observador que criou a realidade observada”. Muito provavelmente o que ocorreu foi um “fenômeno natural” da partícula-onda, e ela não tem nenhuma “consciência” disso. Logo, não há evidência da existência da “consciência quântica”.

Quanto a “consciência do Universo” o que podemos afirmar é que a sua existência é igualmente improvável se os pressupostos da sua existência estiverem ligados ao da “consciência quântica”, como têm propagado os “profetas quânticos”.

Por fim, esperamos que este trabalho seja compreendido como uma pequena contribuição para a abertura de um debate ainda maior sobre o tema, onde a teoria quântica possa ficar mais conhecida pela sociedade em geral e, conseqüentemente, menos mistificada.

Referências

- ARISTÓTELES. *Da Alma (De Anima)*. Tradução: Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições 70. (2001).
- DAVIDOVICH, Luiz. *Einstein e a Mecânica Quântica*. Artigo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (2013). Disponível em: <<http://www.if.ufrj.br/~ldavid/arquivos/Einstein%20e%20a%20Mecanica%20Quantica%20-%20Ciencia%20e%20Meio%20Ambiente.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- LASZLO, Ervin. *A Ciência e o Campo Akashico: Uma Teoria Integral de Tudo*. São Paulo: Cultrix. (2008).
- LIMA, Hugo Leonardo Leite. *Experimento de Escolha Retardada*. Monografia do Curso de Física, apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (2013). Disponível em: <<http://www.if.ufrj.br/~carlos/trablicen/hugo/monografiaHugoFinal.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

- MAHON, José Roberto Pinheiro. *Mecânica quântica: desenvolvimento contemporâneo com aplicações*. Rio de Janeiro: LTC. (2011).
- MARÍAS, Julián. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. (2004)
- PESSOA JR, Osvaldo. *História da teoria quântica*. (2010). Disponível em:< <http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Hist-MQ-2.pdf> >. Acesso em: 03 jul. 2014.
- SAB. *Impulso para a realidade quântica*. SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL (2011). Disponível em:< http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/impulso_para_a_realidade_quantica.html>. Acesso em: 07 jul. 2014.
- STEINER. João E. *Origem do universo e do homem*. (2006). Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/20.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- ZOHAR, Danah. *O Ser quântico: uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física*. Best Seler. (1990).